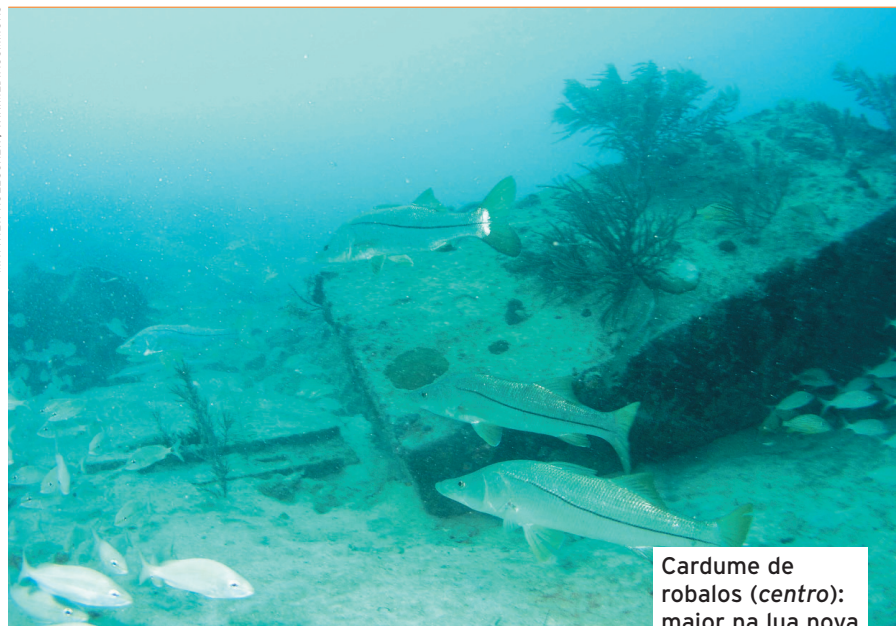




## LABORATÓRIO BRASIL

MATTHEW HOELSCHER / WIKIMEDIA COMMONS



Cardume de robalos (centro): maior na lua nova

### A LUA E OS PEIXES DO MANGUEZAL

A composição dos cardumes de peixes que usam os canais de maré dos mangues varia em número de espécies e em abundância de acordo com as fases da lua, concluíram pesquisadores coordenados por Mário Barletta, da Universidade Federal de Pernambuco (*Journal of Fish Biology*, janeiro de 2011). Em 12 canais de maré do estuário do rio Goiana, entre Pernambuco e Paraíba, eles coletaram 5.528 peixes de 46 espécies. O número de manjubas (*Anchovia clupeioides*), robalos (*Centropomus pectinatus*) e de outras 16 espécies variou com o ciclo lunar. Na lua nova o número de indivíduos e a massa total

dos cardumes foram maiores. As luas cheia e nova tiveram grande influência sobre as manjubas, possivelmente devido à amplitude das marés (até dois metros). Na maré alta os parâmetros físico-químicos da água (salinidade, temperatura e oxigênio) nos canais do mangue assemelham-se aos da região costeira adjacente, permitindo o acesso de mais peixes. Já na vazante os parâmetros se diferenciam e os peixes retornam para o canal principal do estuário e região costeira.

### NOVA CLASSE DE ALIMENTOS

Versões altamente processadas dos alimentos tendem a ser mais calóricas e potencialmente mais perigosas à saúde do que a forma original dessas comidas. Consumir um pêssego fresco é, por exemplo, mais saudável do que ingerir a fruta em conserva. Com base nesse raciocínio, pesquisadores brasileiros encabeçados por Carlos Augusto Monteiro, da Universidade de São Paulo, propõem uma nova forma de classificar os alimentos: em três categorias, e não mais duas (*Cadernos de Saúde Pública*, novembro de 2010). O principal parâmetro considerado é o grau de processamento. Produtos pouco ou não processados – frutas frescas, vegetais,

grãos, carnes, leite, sucos naturais – formam o primeiro grupo. O segundo é composto por alimentos manipulados que entram em preparações culinárias, como farinhas, manteigas, óleos vegetais, sal, açúcar e certas massas. A novidade é o terceiro nível, dos extremamente processados, que deveriam ser ingeridos com moderação (pães, chocolates, queijos, refrigerantes e embutidos). O grupo de Monteiro aplicou essa classificação a um levantamento do IBGE feito em 48 mil domicílios e constatou que os alimentos do primeiro grupo contribuem com 42,5% das calorias ingeridas diariamente pelo brasileiro; os do segundo com 37,5%; e os do terceiro com 20%. A participação dos alimentos altamente processados foi maior entre os mais ricos.



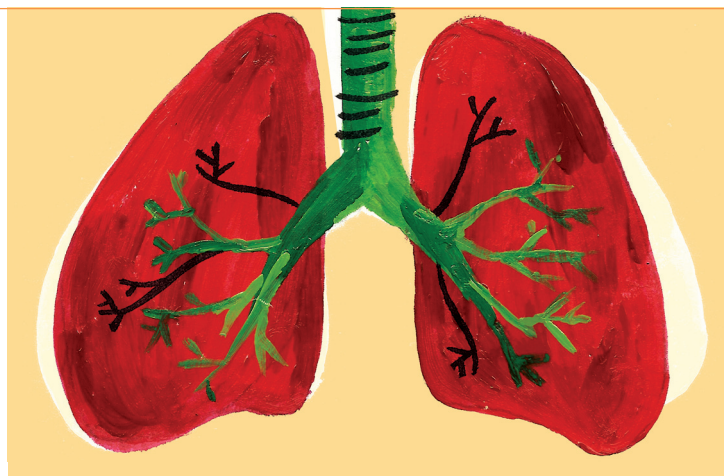
Alimentos frescos: menos calorias





## TUBERCULOSE INVISÍVEL

No município do Rio de Janeiro as pessoas diagnosticadas com tuberculose são encaminhadas às unidades que participam do Programa de Controle de Tuberculose e são registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). O problema é que tem sido alta a subnotificação de óbitos e internações por tuberculose no Sinan, verificaram Ludmilla Sousa, da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, e Rejane Sobrino Pinheiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, após examinarem os registros de mortes associadas à tuberculose no Sistema de Informação sobre Mortalidade e as internações do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde. Elas constataram que 43,2% dos 542 óbitos por tuberculose e 22,1% das 1.079 internações ocorridos em 2004 não tinham sido notificados no Sinan (*Revista de Saúde Pública*, fevereiro de 2011). Possivelmente, o percentual de mortes e internações não notificadas seja ainda maior, por não incluírem os casos registrados após a morte. A subnotificação pode indicar uma barreira ao tratamento no Rio de Janeiro, estado com incidência de tuberculose acima da média nacional.



CATARINA BESSELL

## DEMORA AGRAVA PICADAS DE COBRA

Ser picado por uma cobra na Amazônia é mais preocupante porque o posto médico mais próximo

pode estar muito longe. Mariana Quiroga, infectologista do Núcleo de Medicina Tropical, que trabalha no Hospital Municipal de Santarém, no Pará, avaliando 217 pessoas atendidas de julho de 2009 a agosto de 2010, verificou que nem todos chegam rapidamente aos hospitais. Só uma minoria (18%) consegue ir ao hospital em até três horas, 23% de três a seis horas e 12% em mais de 24 horas. Em consequência, uma em cada cinco picadas se caracterizou como acidente grave (os casos leves representaram 31% do total e os moderados 42%). Ao apresentar seu estudo em uma reunião do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Toxinas realizada em fevereiro no Instituto

Butantan, Mariana contou que muitas pessoas picadas por cobras na região de Santarém adotam medidas que podem agravar o ferimento: antes de ir ao hospital, a maioria (65%) toma remédios caseiros contra picadas de cobra ou passa alho, cebola ou banha sobre a picada (51%). Cerca de um quarto (27%) adota outra medida não recomendada: o torniquete. “Essas medidas aumentam o risco de complicações locais como infecções, necrose e, mais raramente, amputações”, diz Francisco França, médico do Hospital Vital Brazil do Butantan. O mais indicado é lavar o ferimento com água e sabão. Em São Paulo, segundo ele, as pessoas chegam mais rapidamente aos postos de atendimento. “Aqui o transporte é mais rápido e há mais serviços de saúde com soro antiofídico do que na Amazônia”, diz. “Por essas razões, os casos graves são mais raros.” A seu ver, o soro liofilizado, que dispensa o uso de geladeira e já é usado em outros países, poderia reduzir o tempo de atendimento nas comunidades mais distantes.

## OSCILAÇÕES NO CLIMA AMAZÔNICO

O clima da Amazônia sofreu alterações intensas entre 50 mil e 10 mil anos atrás. A equipe do geoquímico Renato Campello Cordeiro, da Universidade Federal Fluminense, analisou a composição química de colunas de sedimentos de lagos na região de São Gabriel da Cachoeira, alto rio Negro, próximo à Venezuela, e observou que nesse período houve três ciclos climáticos bem marcados (*Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, janeiro). O primeiro, de clima mais úmido, durou de 50 mil a 26,3 mil anos atrás. Foi seguido por outro, de 9 mil anos, em que prevaleceram temperaturas elevadas e pouca chuva. Só por volta de 15 mil anos atrás o clima na região voltou a ser mais úmido. Após comparar indicadores de umidade da floresta, o grupo concluiu que pode haver mudanças nos processos químicos e biológicos do lago mesmo quando a cobertura vegetal ao redor segue inalterada.



MIGUEL BOYVAN